

CONSTRUINDO COLETIVAMENTE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE DIMENSIONADA NA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL EMANCIPADORA

Jane Vignado ¹

Maria Inês F Petrucci Rosa ²

Faculdade de Educação, UNICAMP

Rua Bertrand Russel, 801

Campinas – SP- Brasil

CEP - 13083-970

1. Construindo o conhecimento de Educação em Saúde

A medicina surgiu como resposta pragmática às necessidades de minimizar a dor, o sofrimento e a incapacidade do ser humano. Com os grandes acontecimentos da ciência moderna, como por exemplo, o descobrimento de microorganismos e as leis da genética, a medicina passa a incorporar o “*paradigma biologista*”, que entre outras características, está centrado nos aspectos biológicos da saúde/doença, desconsiderando das suas análises as relações econômicas, sociais, culturais e históricas. (PÉREZ U. G,2002: 2 -3)

A partir da percepção das relações da saúde com o contexto histórico, econômico, cultural e social, vislumbrou-se uma outra concepção de saúde e doença, abrindo as portas à ciências sociais na medicina, iniciando assim a incorporação do “*paradigma integracionista ou sistêmico das ciências médicas e da saúde*”. (PÉREZ U.G,2002: 2-3)

Infelizmente, os princípios do paradigma integracionista, ainda não conseguiram atingir de forma integral e sistêmica o pensamento de muitos profissionais da área de saúde, e ainda não estão incluídos nos currículos da maioria dos cursos de medicina brasileira. Assim, em muitos casos, a medicina ocidental continua a ser concebida dentro do pensamento iluminista, ou seja, a partir da construção de conceitos sobre o corpo físico e também sobre a sua utilização como força de trabalho.

1.1 Saúde e educação : a medicalização do processo educativo

As práticas de saúde escolar ou saúde na escola, em muitos casos, ainda estão restritas a buscar encontrar na saúde explicações para as taxas de evasão e/ou reprovação escolar. Assim, discursos presentes na escola relacionados com educação em saúde acabam por assumir um caráter prescritivo, com tendência a ser considerada verdade, ao disseminar as regras para o bem viver ou as chamadas “*regras para o viver higiênico*”, escondendo toda a “*perversidade dos preceitos do bem viver, imputados àqueles que não os seguem, não pôr teimosia, ou desconhecimento, mas pôr absoluta falta de condições objetivas para fazê-lo*”. (VALLA,2000:62)

Esse modelo de pensamento, reflete o pensamento medicalizante, que segundo COLLARES E MOYSES (1994), reduz a problemas orgânicos a causa/origem do fracasso escolar. Essas autoras também destacaram que:

¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; doutoranda na Faculdade de Educação da UNICAMP

² Professora doutora do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP

“... os professores que deveriam ser também os responsáveis por analisar problemas educacionais, assumem uma postura acrítica e permeável a tudo, triando e encaminhando as crianças para os especialistas em saúde. Essa prática acalma as angústias dos professores, não só por transferir responsabilidades, mas principalmente porque desloca o eixo de preocupações do coletivo para o particular (Op.cit,1994:30)

Assim, assumimos a premissa de que a escola precisa coletivamente criar condições para estimular nas crianças hábitos salutareos, desde a mais tenra idade. A escola primária não pode ser alijada desse processo, na medida em que, suas ações podem estimular hábitos de saúde nas crianças. Faz-se necessário assumir a concepção de educação como a arte de formar hábitos, pois parece ser consenso entre pesquisadores que a época de maior capacidade para a aquisição de hábitos é a infância. À medida que o sujeito caminha para a fase adulta, maior resistência oferece às novidades.

Neste contexto, as atividades educativas promotoras de saúde na escola representam importantes ferramentas, já que possibilitam identificar comportamentos de risco para determinadas patologias, desenvolver atitudes/ comportamentos que promovam a saúde e perceber que a saúde está sempre vinculada a uma cultura e não que se explica por si só, mas sim, por meio das relações com o contexto histórico, econômico e social.

2. Educação em saúde como prática social emancipadora

Esse trabalho surgiu, a partir de conversas com membros da comunidade de um bairro da periferia da cidade de Campinas-SP, que na sua maioria, têm uma história de vida difícil, o que reflete nas condições de moradia, de trabalho, de estudo, de lazer e nos significados que dão às coisas.

Nesses encontros, percebemos que os membros dessa comunidade não sonham de forma livre e/ou ambiciosa, mas sim, dentro de limites do que consideram possível realizar, ou seja dentro de seu horizonte de possibilidades, que está vinculado à noção concreta que possuem do presente. Esse modo de pensar é fruto das representações existentes na sociedade capitalista, que historicamente construiu a idéia de que os pobres e oprimidos são os próprios culpados da sua situação social, já que não existe nenhum impedimento para que a ascensão social efetivamente aconteça. Na verdade, sabemos que não existe nenhum impedimento legal, mas as barreiras existem sim, e estão expressas na esfera do trabalho, na educação, na saúde, na moradia, no lazer; e a escola na maioria das vezes, por não saber lidar com esses fatos ou então, por não dar importância a respeito das situações cotidianas vividas pelos alunos, acaba funcionando como uma instituição de reprodução dos valores da ideologia capitalista .

Assim, assumimos, nesse trabalho que a pesquisa em educação é uma maneira de compreender o cotidiano e também como uma boa oportunidade para re-significar nossas práticas educativas.

Desse ponto de vista, assumimos também que as práticas educativas de educação em saúde tenham como referência a pesquisa-ação. A leitura nessa área, especialmente as de Carr e Kemmis(1988), Elliott (1990 e 1998) e Contreras (1994), possibilitou-nos indagar sobre as formas de pensar as relações teoria-prática, ensino-pesquisa, pesquisador-objeto de pesquisa e a dimensão histórico-cultural que se faz presente no processo educativo. A pesquisa-ação permite também, compreender os processos educativos na área de educação em saúde de modo a contribuir para desenvolvimento de propostas curriculares democratizantes e na formação de futuros professores comprometidos com a concepção de

educação como prática social emancipadora. E segundo Carr e Kemmis,1998, o processo de pesquisa - ação:

“implica tanto a intervenção controlada como o juízo prático, ainda que ambos tem um lugar limitado na noção da espiral auto-reflexiva da investigação-ação, que se dispõe como um programa de intervenção ativa e de juízo prático conduzido por indivíduos comprometidos não somente com o entendimento do mundo, mas também com suas mudanças” (Carr e Kemmis,1998:197, apud Rosa 2000:48)

Nesse contexto, a escola precisa ser concebida como um espaço apropriado para o intercâmbio e construção de conhecimentos. É claro, que não é fácil construir coletivamente uma educação em saúde compatível com os interesses e necessidades da maioria da população, isso porque, essa construção implica numa revisão de nossas próprias concepções de vida, na adoção de práticas educativas que formem sujeitos capazes entender o seu contexto social e de lutar pelos direitos de conquistar tempo e espaços para pronunciar e participar de decisões relacionadas com a sua vida.

Referência Bibliográfica

CARR,W e KEMMIS, S. **Teoria Crítica de la enseñanza- La investigación-acción em la formación del profesorado**. Barcelona: Martinez Rocca, 1988

COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M.A .**A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico. Cultura e Saúde na escola**. São Paulo:FDE, pp.25-31,1994

CONTRERAS,J.D. La investigación en la acción. Tema del mês. **Cuadernos de Pedagogia**,224, abril, pp7-19,1994

ELLIOT, J. La **investigación-acción en educación**. Ediciones Morata S.A Madri, 1990

_____. **Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio**. Tradução de PEREIRA, E. M.A In: **Cartografias do trabalho docente- professor(a) pesquisador(a)**, GERALDI,C.M ; FIORENTINI, D; PEREIRA E. M (orgs). Campinas: Mercado das Letras, 1998

MORAES,L.L Saúde Escolar. **Pediatria Moderna**,n.13, p.31-51,1978

PEREZ, U, GONZÁLEZ, El concepto de calidad de vida y la evolución de los paradigmas de las ciencias de la salud. **Rev Cubana Salud Pública v.28 n.2 Ciudad de La Habana jul.-dez. 2002(Scielo)**

ROSA,M.I.F.P.S. **A pesquisa educativa no contexto da formação continuada de professores de ciências**. Unicamp – Tese de doutorado- 2000,pp.207)

VALLA, V. **Saúde e Educação**. Ed. EP&A, 2000.